

Religião e antifeminismo: uma pesquisa exploratória em perfis de influenciadoras evangélicas¹

Priscila Chéquer²

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma pesquisa exploratória em perfis de mulheres influenciadoras evangélicas buscando identificar discursos antifeministas. A partir disso, busca-se observar o crescente fenômeno de religiosas que utilizam as redes sociais para expor e incentivar outras mulheres ao retorno de um estilo de vida tradicional e conservador. Busca-se compreender como o elemento religioso é mobilizado nesse processo construindo o que se compreende por feminilidade e os papéis sociais e matrimoniais de homens e mulheres.

PALAVRAS-CHAVE

Evangélicos; Antifeminismo; Redes Sociais

ANTIFEMINISMO, CONSERVADORISMO E RELIGIÃO

Desde o início do século XIX os movimentos feministas têm avançado na conquista de inúmeros direitos para as mulheres que buscam tornar mais igualitárias as relações de gênero. No entanto, Cruz e Dias (2015) apontam que as reações antifeministas sempre estiveram presentes no contra-ataque a essas conquistas. No Brasil, especificamente, isso manifesta-se mais consolidado através do discurso da defesa da família que tem como base a práxis religiosa. Observa-se que os discursos antifeministas reverberam também entre as mulheres cristãs que fazem uso das ferramentas digitais para defender uma feminilidade ancorada em textos da Bíblia e capaz de performar uma religiosidade ideal. Um desses textos é “o código doméstico de Efésios 5,21-33 [...] Não levando em consideração a dissimetria do momento de sua escrita, muitas apropriações hermenêuticas deste texto reiteraram a situação de subserviência feminina insuflando-lhe de legitimação teológica” (Colares, 2023, p. 18).

Considerando esse contexto, este trabalho propõe uma pesquisa com o objetivo de analisar como o discurso antifeminista ecoa entre influenciadoras evangélicas. Entendemos que tal fenômeno é também um dos sintomas da polarização política entre

¹ Trabalho apresentado ao GP de Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em Vitória/ES entre os dias 01 a 05 de setembro de 2025.

² Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), docente do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA).

direita e esquerda que se instalou no Brasil e que ecoa a “expansão e fortalecimento de reações antigênero por meio da direita conservadora a nível global (Corredor 2019); e a intensificação de reações misóginas na paisagem midiática” (Martinez, 2020, p.105). Soma-se a isso o fato dos evangélicos se apresentarem como um grupo religioso em crescimento vertiginoso no Brasil com significativa influência política e midiática³.

Esse resumo é uma proposta de pesquisa a ser realizada em duas etapas: 1. Pesquisa Exploratória; 2. Análise do Discurso. Para o trabalho apresentado nesse *paper* realizamos a primeira etapa da pesquisa. A pesquisa exploratória nos permitiu mapear o universo virtual em plataformas como Youtube e Instagram oferecendo-nos uma noção da amplitude do tema. A partir disso, catalogamos contas e perfis de influenciadoras evangélicas com significativa publicação sobre o assunto e números de seguidores: a Deputada Estadual Ana Campagnolo (@anacampagnolo), a Pastora Jackeline Hayashi (@jackelinehayashi), a escritora e palestrante Vitória Reis (@vitoriareis) e as influenciadoras Ingrid Silveira (@ingredsilveirabr) e Ane Martin (@diarioantifeminista), destacaram-se nesse universo.

Uma breve análise nas contas das influenciadoras acima relacionadas nos permitem estruturar caminhos e olhares para a Análise do Discurso a ser realizada na segunda fase da pesquisa. Observa-se padrões discursivos em todas as publicações visualizadas que buscam deslegitimar os movimentos feministas e, ainda, como aponta Martinez (2020), vilanizar e/ou difamar pensadoras e teóricas da área. Além disso, recorre-se à memória discursiva ancorada na religiosidade para ativar o saudosismo de um tempo em que as famílias eram “exemplares” com papéis bem definidos entre homens e mulheres. De acordo com tais discursos, a subversão familiar está no rearranjo desses papéis que desamparam as famílias, negligenciam a criação dos filhos e confronta o propósito de Deus ao defender um enfraquecimento do papel masculino. Observa-se ainda um retorno a um discurso que busca instaurar um pânico moral (Miskolci, 2017) na comunidade religiosa ao associar o feminismo à pedofilia, à revolução sexual e à ideologia de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³Os dados do Censo do IBGE de 2022 mostram que os evangélicos correspondem a 26,9% da população brasileira e possuem maioria feminina. Disponível em:
<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=10>

A observação inicial realizada na pesquisa exploratória demonstrou que o objeto de estudo é promissor e deve ser aprofundado na segunda etapa da pesquisa com a Análise do Discurso de publicações das influenciadoras mapeadas. Espera-se que a pesquisa a ser realizada/aprofundada nos auxilie na compreensão do entendimento de questões como: quais feminilidades e masculinidades são evidenciadas nesse contexto?; como o discurso antifeminista se manifesta no contexto religioso evangélico conservador?; quais afetos são mobilizados nesses discursos?; como o texto bíblico é acionado nesse contexto? Consideramos ainda, que um olhar atento ao fenômeno estudado pode contribuir significativamente para a área de estudos que se debruça na interface entre comunicação e religião.

REFERÊNCIAS

COLARES, K. Submissão feminina: uma leitura bíblico-feminista. São Paulo: Editora Recriar, 2023.

CRUZ, M. H. S.; DIAS, A. F. Antifeminismo. Revista de Estudos de Cultura, nº 01, p. 33- 42, 2015.

MARTINEZ, M. Fazer o mesmo, sem ser o mesmo: feminilidades, neoliberalismo e antifeminismo no contexto Goodllywood Brasil. Revista Ex Aequo n.º 42, pp. 103-118, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.42.06>

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu, n. 28, p. 101-128, jan-jun. 2007.